

CHEGADA DO CORREIO

- João Moreira.

— Pronto!

— Carlos Afonso.

— Estou aqui.

Empoleirado numa mesa do refeitório, qual deus louco, o cabo-cripto Ruivo semeia, às mãos-cheias, a alegria e a tristeza, as lágrimas e os risos.

— Pedro Antunes.

— Eu...

- José Fernandes.

— Dá cá.

Mãos nervosas como gadanhas. Dedos hirtos que se engalfinham nas cartas e aerogramas.

O Ruivo era o tipo mais importante da Companhia. Ou, pelo menos, assim o cria.

Na verdade era ele que estava incumbido da distribuição do correio que o avião trazia duas vezes por semana de S.Salvador, juntamente com os frescos.

O avião chegava geralmente por volta das onze horas da manhã e razava duas ou três vezes o aquartelamento, com as goelas abertas, a dar tempo que se montasse a segurança à pista.

Enquanto o furriel vagomestre Máximo procedia à conferência da carne e do peixe, o Ruivo recebia das mãos do piloto o saco do correio. Aquele saco era um coração gigantesco, palpitante, poderoso. O principal sustentáculo da Companhia. Mais do que as G-3 e a cerveja, as metralhadoras e os cigarros, os morteiros e as negras da Sanzala.

— Hoje pesa - dizia invariavelmente o piloto.

— Deve vir cheio de cornos - gracejava por sua vez o Ruivo.

Concluída a transacção do correio e dos frescos, a D.O. começava a deslizar pela pista e dentro em pouco não era mais do que um mosquito zumbidor rumo a S.Salvador.

O pessoal da segurança saía do capim e saltava lesto para o unimog que arrancava de prego a fundo para o caldeirão ao rubro do aquartelamento.

— Américo Pereira.

— Aqui.

- Carlos Marecos.

— Viva!

Restam três cartas. As unhas cravam-se nas palmas das mãos. Os rostos contorcem-se em esgares doloridos.

O Ruivo passeia um sorriso displicente por aquele mar de olhos esgrouviados e acaricia o magro monte de correspondência que resta com

artifícios de amante sabido.

— Despacha-te... pá!

- Calminha..., tens tempo de saber que o teu filho já chama pai a outro.

- Vai gozar com a tua avó.

O litúrgico deu lugar ao burlesco. Ruivo procura escamotear o tempo, prolongar o seu reinado.

- Daqui a nada tás a apanhar um borracho nos óculos.

Atingido o ponto crítico de ruptura. É perigoso ir mais além.

- José Mendonça.

— Até que enfim.

- Pedro Moreira.

- Uf...!

— Manuel Augusto.

— Mas... não há mais nada...? — pergunta uma voz incrédula.

- Nada mais. Começa a procurar outra que essa já te pôs os cornos.

Há rostos lívidos de angústia, sorrisos rasgados de orelha a orelhas, dorsos quebrados de solidão, olhos refulgentes de alegria.

“Sou o tipo mais importante da Companhia” — conclui, mais uma vez, o Ruivo.